

O grau de letramento de um casal carioca: uma análise da grafia <r>

The level of literacy of a carioca couple: an analysis of <r> spelling

Recebido em 20 de agosto de 2015. | Aprovado em 12 de dezembro de 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i2.187>

Karilene da Silva Xavier¹

Resumo: Este artigo visa a analisar os desvios grafemáticos do <r> efetuados por um casal de noivos, que trocou 97 cartas de amor entre 1936 e 1937 na cidade do Rio de Janeiro. Por não terem sido pessoas ilustres, não há informação sobre eles disponível em acervo público e, com isso, todo o conhecimento extralinguístico é obtido diretamente de conteúdo dessas cartas. Dessa forma, por meio de desvios grafemáticos, tais como elisão, rotacismo, metátese, hipercorreção e até mesmo a familiaridade com as grafias <r> e <rr>, pretende-se traçar o perfil e o grau de letramento do casal. Para tanto, esta pesquisa fundamenta-se em uma análise de natureza filológica e sociolinguística histórica.

Palavras-chave: casal não-ilustre; grafia <r>; década de trinta, análise de natureza filológica; sociolinguística.

Abstract: This article aims to analyze the graphematic deviation of <r> made by an engaged couple, who exchanged 97 love letters during 1936 and 1937 in Rio de Janeiro city. They were not distinguished persons, thus there is no information about them available in public assets and, then, all the extra-linguistic knowledge is obtained directly from the content of these letters. Therefore, through graphematic deviations, such as deletion, rhotacism, metathesis, overcorrection and even the familiarity with the spellings <r> and <rr>, we propose to trace the profile and the degree of literacy of the couple. Therefore, this research is based on a philological nature and historical sociolinguistic analysis.

Keywords: non-renowned couple; spelling <r>; the thirties; philological analysis; sociolinguistics.

¹ Mestranda em Língua Portuguesa, Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Bolsista da FAPERJ. karilened@gmail.com.

Introdução

Neste artigo, analisamos processos fonéticos e fonológicos relacionados à grafia do <r>, como elisão, rotacismo, metátese, hipercorreção, efetuados por um casal de noivos, que trocou cartas de amor entre os anos de 1936 e 1937 na cidade do Rio de Janeiro. Esses processos são favorecidos pela baixa escolaridade, ocorrendo através da transposição da língua falada para a escrita. Além disso, observamos os desvios grafemáticos que ocorrem devido à falta de familiaridade do missivista com as convenções da língua escrita. Como, em um texto escrito, o grau de monitoramento tende a ser maior que na fala, o missivista pode monitorar com mais rigidez o que quer comunicar ao remetente, assim, serão observados também os possíveis casos de hipercorreção com a grafia <r> nas cartas.

Cabe ainda comentar que, segundo Scherre (2005, p. 92), "o erro ortográfico, embora não provoque desestruturação das ideias de um texto, tem um efeito social desmedido, simplesmente porque ele é mais fácil de ser percebido e, também, de ser usado como marca social de não saber escrever". Desse modo, ao detectar tais desvios, será possível traçar o perfil e o grau de letramento dos missivistas, contribuindo com uma análise grafemática mais específica em relação à mais abrangente iniciada por Silva (2012). Os resultados da autora revelam que:

Os missivistas (...) apresentaram desvios grafemáticos. A habilidade com a escrita não se mostrou idêntica para ambos. Nas cartas de JOS [noivo], identificou-se menor número de desvios grafemáticos e, no geral, seus equívocos demonstraram a transposição da fala para a escrita. Esse aspecto deveria enquadrá-lo como uma pessoa com um grau de letramento mediano. Tais dados, contudo, não foram tão numerosos quanto os observados na produção escrita da noiva. A maioria deles consiste em desvios aceitáveis, por serem termos com grafemas distintos para o mesmo fone. MRC [noiva] apresenta, por sua vez, uma grafia mais fonética e apresenta um índice alto de desvios grafemáticos. Se for levada em conta a quantidade de cartas produzidas por cada um, as taxas de Maria seriam proporcionalmente ainda maiores. Nesse sentido, notou-se grande diferença quanto ao domínio da escrita por parte de MRC em relação ao seu noivo. (*OP. CIT.*, p. 114)

O presente artigo prevê, então, aprofundar essa análise, observando os desvios no que se refere à grafia do <r>. Assim, o objetivo geral é colocar mais uma peça no jogo complexo que constitui a análise das representações ortográficas do rótico em texto escrito por meio dessas cartas trocadas pelo jovem casal com base em uma análise de natureza filológica e considerar a influência dos resultados traçados em uma análise sociolinguística.

Por fim, na organização deste artigo, faz-se, a princípio, a revisão de alguns trabalhos de cunho variacionista relacionados aos fenômenos aqui investigados. Na segunda seção, serão apresentados os pressupostos teóricos que serviram de base para a realização da pesquisa, nos quais há a contribuição da filologia e da sociolinguística histórica, além dos objetivos mais específicos, as hipóteses com base nos grupos de fatores aqui investigados, seguidos pela apresentação do *corpus* e informantes e das etapas da pesquisa, como a recolha, a transcrição e a codificação dos dados, os grupos de fatores utilizados. A seção três apresenta e discute os resultados, havendo uma análise de cunho variacionista que visa a determinar quais os fatores linguísticos e/ou sociais foram decisivos para o tipo de pronúncia do rótico, e, assim, comparar os resultados aqui encontrados com os de trabalhos revisados na seção 1. Na última parte, encontram-se as considerações finais, revelando as conclusões a que se chega no que diz respeito às expectativas pré-definidas e as contribuições que este artigo pretende dar ao conhecimento fonético-fonológico da língua escrita do Português do Brasil (doravante PB) com relação aos róticos.

1. Revisitando o rótico e os fenômenos investigados

Na língua falada, o rótico apresenta "um elevado grau de polimorfismo (...) no português do Brasil" (CALLOU *et alii*, 1996, p. 465). Por causa dessa diversidade de realizações, o segmento tem sido objeto de estudo de diversos trabalhos no que diz respeito à modalidade oral (CALLOU, 1987; MELO, 2009, entre outros) e, mais recentemente, há estudos que investigam como os fenômenos linguísticos relacionados ao segmento atingem à modalidade escrita (MOLLICA, 2003; COSTA, 2007, entre outros).

Embora exista um número considerável de trabalhos realizados sobre tal segmento, destaca-se a relevância desta proposta, uma vez que a maioria dos estudos toma como base *corpora* de língua falada, e os que partem da análise de textos escritos geralmente têm a redação escolar como amostra. O recuo no tempo nos impele a lançar mão de dados oriundos apenas de textos escritos. Com isso, o enfoque da descrição do comportamento do rótico em texto escrito será expandido, principalmente por ser realizada em um gênero textual que não foi muito explorado ainda: as cartas. Assim, os resultados permitirão evidenciar até que ponto os processos fonético e fonológico encontram-se introduzidos na escrita dos missivistas. Por fim, cada fenômeno será comentado com detalhe a seguir além dos casos de hipercorreção e de falta de familiaridade com os códigos da escrita.

1.1 - Elisão: apócope e síncope

A elisão é a supressão de uma ou mais letras em uma palavra. No que diz respeito ao rótico, a elisão pode ocorrer no final da palavra, havendo uma denominação mais específica de apócope (cantar > canta), ou no meio da palavra, fenômeno conhecido como síncope (problema > poblema). Ambos os processos são largamente pesquisados tanto na modalidade oral quanto na escrita e, de acordo com Callou e Serra (2012), é um fenômeno bastante antigo no Português. Ao recuar no tempo, no que diz respeito a ausência do <r> final, essas autoras relatam que, nas peças teatrais de Gil Vicente escritas no século XVI, o fenômeno era considerado um marcador social, pois era usado para caracterizar apenas a fala de escravos. Em termos labovianos (LABOV, 1994), essa estratificação pode ser considerada uma mudança de baixo para cima.

Estudos anteriores tanto com base em *corpora* orais quanto escritos revelam que a apócope do rótico é muito mais comum que a síncope. Quando a supressão do <r> em posição final é categórica, o fenômeno começa a atingir a posição de coda medial como mostram os resultados de Farias e Oliveira (2013) a partir de *corpora* do NURC² gravados por falantes cultos nascidos em João Pessoa e Bahia. Em regiões em que ainda há um percentual baixo de supressão final, o rótico em coda medial é mantido. Tal fenômeno parece se refletir na modalidade escrita, como revelam os resultados de Mollica (2003) e de Costa (2007), que serão comentados a seguir.

Ainda não há um número considerável de estudos diacrônicos no PB sobre a elisão do <r> na escrita. Esse fenômeno é investigado geralmente com base em redações escolares, nas quais é muito comum encontrar palavras em que o grafema, em posição final, não é grafado. Mollica (2003) estudou o cancelamento do rótico em coda na escrita de estudantes das séries iniciais, visando à correção desses cancelamentos influenciados pela fala. O trabalho demonstrou que a ausência do grafema em final de palavra ocorreu em uma frequência bastante superior à posição de coda medial, tal como ocorre com dados da fala (CALLOU, 1987).

Por fim, vale comentar que, em seu trabalho, Costa (2007) conclui que à medida que os alunos avançam nas séries escolares tende a diminuir a supressão do <r> em coda nos textos escritos. A autora postula que tais casos ocorrem devido a interferências de regras fonológicas variáveis transpostas da fala para a escrita. Com isso, havendo casos de elisão do <r> nas cartas do casal, o grau de letramento dos missivistas será traçado, e haverá um diálogo entre os resultados aqui obtidos e os dos trabalhos que foram brevemente revisados acima.

1.2 - Rotacismo

O rotacismo consiste na troca da líquida lateral, <l>, pela líquida vibrante, <r>. Segundo Gomes e Souza (2003), esse fenômeno ocorre desde a formação do Português até os dias de hoje. Há inúmeros exemplos de rotacismo nos grupos consonantais em posição inicial durante a passagem do Latim para o Português como "placere > prazer", "fluxu > frouxo", entre outros. No PB, o processo pode ocorrer também em ataque simples, como em "pírula > pírura", e, em posição de coda silábica, como em "calcanhar > carcanhar". Tal fato ocorre, pois <l> e <r> compartilham diversas propriedades fonéticas, diferenciando-se em apenas um traço distintivo e, assim, estando submetidas a diferentes processos fonológicos. Além disso, são as únicas consoantes possíveis na segunda posição de um ataque complexo.

Em seu trabalho, Dos Reis (2010, p. 33) afirma que "a permuta do primeiro [segmento] pelo segundo não implica diferença de significado, mas implica, no português moderno, diferenças sociais que levam à estigmatização dos falantes". Em um estudo sincrônico de cunho variacionista, essa autora conclui que os homens

² O acervo do Projeto NURC (Projeto da Norma Urbana Oral Culta), ora disponível on-line, constitui referência nacional para estudos da variante culta da língua portuguesa.

apresentaram maior número de realização do rotacismo em ataque complexo, e as mulheres em coda silábica com base em *corpora* orais do projeto ALIMA³.

Em seu estudo, Oliveira (2008) visa a verificar quais foram, no século XIX, os fenômenos fônicos referentes às líquidas que, da fala, se transpuseram para a escrita. Quanto ao <r>, o autor aponta 183 ocorrências de rotacismo em documentos redigidos por africanos e afrodescendentes no âmbito de uma irmandade negra, a Sociedade Protetora dos Desvalidos, fundada, na cidade de Salvador, em 1832, pelo africano Manoel Vítor Serra. Maior parte do processo em questão ocorre quando o <r> se encontra em posição de coda silábica como em "aluguer" (aluguel) e "vortando" (voltando), alcançando 50% dos dados, 45% ocorrem em ataque complexo, como em "apricado" (aplicado) e "asembrea" (assembleia), e apenas 5% em ataque simples, como em "paravra" (palavra)⁴. Por fim, como o rotacismo é um processo realizado por indivíduos com baixo grau de escolaridade ou nenhum, será interessante verificar se os missivistas realizam-no em seus textos e, desse modo, definir o grau de letramento de cada um.

1.3 - Metátese

A metátese consiste na transposição de segmentos ou sílabas, havendo uma alteração na sequência linear. Esse não é um fenômeno muito estudado como os que já foram comentados acima. Hora *et alii* (2007, p. 179), afirmam em um trabalho que os "estudos sobre a metátese são muito escassos, principalmente, quando se trata de sua ocorrência no PB". Todavia, o fenômeno tem sido atestado em diversas línguas naturais.

Para os autores supracitados, a metátese é, na verdade, "um processo de reordenamento de segmentos dentro de uma mesma palavra" (*op. cit.*, p. 184). Esse é "um fenômeno antigo e persistente na Língua Portuguesa" (*op. cit.*, p. 184), pois há inúmeros exemplos da passagem do Latim para o Português como em "semper > sempre" e exemplos comuns que ocorrem nos dias atuais como "estupro > estrupo". Neste artigo, apenas serão levados em conta os casos de metátese em que o grafema <r> está envolvido.

Nesse trabalho, os autores afirmam que a "metátese parece ser frequente entre as líquidas não-laterais, que se mostra o preferido na mudança e variação" (HORA *et alii*, 2007, p. 185). Ali (1965) também afirma que no Português antigo era comum ocorrer metátese envolvendo a vibrante. Esse autor justifica tal fenômeno pelo fato de o falante buscar com o <r> a contiguidade com outras consoantes.

Embora haja uma escassez de estudos sistemáticos sobre metátese tanto na sincronia quanto na diacronia, esse fenômeno foi selecionado para também ser analisado neste artigo, pois como Hora *et alii* afirmam (2007, p. 185) "parece que o processo (...) está relacionado à escolaridade, pois sua realização ocorre preferencialmente em informantes com poucos anos de escolarização". Assim, será possível traçar o perfil e grau de escolaridade dos missivistas através da ocorrência ou ausência desse fenômeno.

1.4 - Hipercorreção

De acordo com Câmara Jr. (2002, p. 237), a hipercorreção é a "equivocação no desejo de falar bem", ou seja, o indivíduo tem certa noção da norma e preocupa-se em usá-la corretamente, porém pode aplicar regras que não são necessárias. Vale comentar que a hipercorreção não ocorre somente na língua falada mas também na escrita, principalmente naquela realizada por pessoas que estão em ascensão e que tentam adequar seu texto a um modelo de prestígio, utilizado pelas classes dominantes como Moreno (2004) afirma.

No que diz respeito ao <r>, serão averiguados os possíveis casos de hipercorreção, como o lambdacismo, que é o oposto ao rotacismo, em que indivíduo troca o <r> por <l> por considerar o rótico relacionado à pronúncia estigmatizada. Pode ocorrer na posição de segundo elemento do grupo consonântico como em "zebra > zebra" e em ataque simples como em "cabeleireiro > cabeleleiro". Além do lambdacismo, será averiguado o acréscimo do <r> ao final da palavra quando não é previsto, por exemplo, "Isso dar trabalho" em que o indivíduo considera a falta do rótico um erro e acrescenta-o a fim de não estar relacionado à imagem de uma pessoa que produz o apagamento.

³ O Projeto ALiMA - Atlas Linguístico do Maranhão - é um empreendimento científico, que visa à descrição da língua, considerada em seus diferentes níveis de observação: a pronúncia, o vocabulário, a organização da frase, a entoação, os conteúdos semânticos. Para mais detalhes, acesse esta página: <<http://www.academicosdeletras.ufma.br/projetoalima.html>>.

⁴ Os exemplos são alguns dos dados desse estudo.

Ambos os casos atuam na modalidade oral e, conseqüentemente, atingem os textos escritos, principalmente, naqueles em que o indivíduo, quando ciente da influência da sua escrita, almeja transmitir certa formalidade. Vale comentar que não foram encontrados estudos acadêmicos de cunho variacionista especificamente sobre esses dois fenômenos em questão a fim de haver uma comparação com os resultados aqui encontrados.

1.5 - A alternância entre <r> e <rr>

Quando se escreve, representa-se os sons da fala por meio de grafemas. O sistema ortográfico do Português não é tão simples, pois um determinado som pode ser representado por grafemas distintos, e um grafema pode corresponder a diferentes sons. Por isso, pode haver desvios com a grafia do <r> que são ocasionados pela mera falta de domínio de ortografia por parte dos missivistas.

No PB, segundo Câmara Jr. (1953), há dois tipos de rótico, o /r/ forte e o /r/ fraco, que se opõem somente em posição intervocálica e, nos outros contextos, tal oposição é neutralizada. O primeiro ocorre no início de palavra, como em “reto”, em contexto intervocálico, como em “carro”, em posição de coda silábica (medial e final), como em “porta” e “cantar”, respectivamente. O segundo ocorre em contexto intervocálico como em “caro” e, no segundo elemento do grupo consonântico, como em “prata”. Observa-se que o /r/ fraco é sempre representado por <r>, porém o /r/ forte pode ser representado por <r> ou por <rr>. Em contexto intervocálico, podem ocorrer as duas espécies de /r/ e vale comentar que a troca de um pelo outro pode ocasionar oposição fonológica, ou seja, mudança de significado do vocábulo (carro x caro).

Por fim, já que o /r/ forte pode ser representado por <r> ou <rr>, o missivista que não possui tanto domínio com o código escrito pode substituir uma forma pela outra. Dessa forma, será possível diferenciar aquele que possui familiaridade com a ortografia daquele que não possui e, então, confirmar que o noivo é mais letrado que a sua noiva.

2. Pressupostos teórico-metodológicos

Pretende-se aliar os Estudos Filológicos com base em critérios estipulados por Marquilhas (1996) à Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH *et alii*, 2006 [1968]) em perspectiva histórica (CONDE SILVESTRE, 2007).

2.1 - A contribuição da Filologia

Como não é possível obter informações extralinguísticas sobre os missivistas, já que os redatores da carta são personagens não-ilustres, os dados externos são obtidos diretamente das cartas, ou seja, o conteúdo delas informa um pouco sobre quem eles eram, onde e com quem viviam, como se encontravam, e como era sua relação. Assim, a partir dos desvios grafemáticos acerca do rótico cometidos ou não por eles, serão traçados seus perfis, a fim de sistematizar o que o casal transpõe da fala para escrita e sua familiaridade com os moldes escritos.

Como Silva (2012) propôs em seu trabalho, serão tomados como base critérios metodológicos propostos por Marquilhas (1996), a fim de identificar, especificar e diferenciar os traços, [+letrado, -letrado] dos missivistas, já que não há informações sobre o seu grau de escolaridade. Apesar de a época em que as cartas foram trocadas não ser tão distante dos dias atuais, pode-se considerá-la como parte de uma sincronia passada, pois, durante o século XX, houve diversas mudanças sociais, econômicas e históricas, que distanciam aquele momento do atual. Com isso, não é possível transferir para o passado o contexto dos anos 2010 no que diz respeito ao grau de escolaridade - Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior - por causa da quase inexistência de escolas e universidades no Brasil no início do século passado e pelas constantes mudanças nos níveis de instrução.

Marquilhas (1996), ao analisar cartas do Português Europeu do século XVII, estabelece um parâmetro para verificar o grau de letramento dos missivistas, ou seja, a fim de evidenciar as características que permeavam os escritos de “mãos hábeis” e “mãos inábeis”, com base no termo <scripteurs maladroits> de Claire Blache-Benveniste. Essas características são as seguintes: ausência de *cursus*, uso de módulo grande, ausência de regramento ideal, traçado inseguro, tendência às letras desenquadradas, irregularidade da empaginação, elenco limitado de abreviaturas, falta de leveza ao conjunto, uso de maiúsculas no interior das palavras e hipersegmentação. Destarte, com respaldo na ortografia, a autora constrói uma descrição mais sólida sobre os

escreventes, dividindo os aspectos grafemáticos em dois grupos: aquisição da escrita e problemas na representação das estruturas fonológicas. Tais grupos dizem respeito à "conciliação entre capacidade para escrever consoantes e vogais e a incapacidade de analisar a estrutura interior da sílaba" (MARQUILHAS, 1996, p. 243).

Com a ausência de informações sobre os fatores sociais tradicionalmente usados em estudos sociolinguísticos, como faixa etária, origem e grau de escolaridade, entre outros, Silva (2012) considera necessário levar em conta alguns parâmetros estipulados por Marquilhas para medir o grau de letramento do casal e, assim, buscar evidências filológicas para traçar o perfil sociolinguístico de ambos.

Alguns desvios foram selecionados a fim de aprofundar a análise iniciada por Silva (2012) e foram ordenados conforme o grau de relevância na caracterização do perfil social dos missivistas. A autora considerou fenômenos, tais como: junção, segmentação, modernização e expansão. Neste presente artigo, consideramos a elisão, o rotacismo, a metátese, a alternância entre <r> e <rr> e a hipercorreção, este último que ocorre geralmente por indivíduos que têm alguma noção da norma. Para fins de sistematização, serão consideradas as variações na escrita que difiram da grafia atual. Todavia, haverá também uma comparação da representação do /r/ pelos grafemas <r> e <rr> dos textos dos missivistas com os jornais da época, a fim de verificar a representação do /r/ forte entre vogais em textos publicados.

No que diz respeito ao grafema <r> em documentos históricos, em seu trabalho, Marquilhas (1996, p. 146) afirma que "a ortografia irregular de formas com cadeias de consoantes que incluem /r/ constitui a característica mais recorrente das mãos inábeis", a partir dos documentos escritos no século XVII. A autora compara o <r> gráfico de mãos inábeis com o /r/ na aquisição do Português como primeira língua. Quando o segmento se encontra em posição de ataque simples, crianças no processo de aquisição não apresentam dificuldade em pronunciá-lo, porém, em ataque complexo, há alguns problemas que geram a metátese. Da mesma forma, indivíduos de mãos inábeis não apresentam dificuldades na transcrição do /r/ simples, porém o afastamento do canônico silábico CV determinava algumas irregularidades ortográficas nos inábeis. Por exemplo, a metátese nos dados considerados pela autora, "contra > contar" e "sobre > sober", a fim de desfazer o ataque complexo⁵ e constituir uma estrutura mais natural" (CCV > CVC). Em outras palavras, quando o molde silábico não é o padrão universal (CV), há desvios ortográficos. A autora, portanto, afirma que as transcrições fonográficas de metáteses e elisões são produzidas no dialeto do indivíduo de mão inábil.

Quanto ao <r> em coda final, a letra é de "difícil topografia cujo desenho ficava para o fim" (MARQUILHAS, 1996, p. 255), porém não há exemplos. Em coda medial, era comum a inserção de uma vogal, como em "formos > foremos", lembrando que, no Português Europeu, o <r>, nesse contexto silábico, atualmente, tem a pronúncia do tepe, uma realização que condiciona a inserção de uma vogal, como aponta Farias e Oliveira (2013). Ambos os desvios eram efetuados por mãos inábeis com o propósito de formar o canônico silábico. Portanto, neste artigo, não será apenas levada em consideração a elaboração de alguns critérios que identifiquem indivíduos de mãos inábeis mas também a identificação da representação silábica das mãos inábeis com relação à consoante líquida não-lateral, principalmente, por tratar de fenômenos que serão aqui analisados.

2.2 - Sociolinguística Histórica

Antes de abordar a Sociolinguística Histórica, é relevante comentar os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH *et alli* (2006 [1968])). Essa teoria visa a sistematizar o comportamento da língua em uso dentro de uma comunidade de fala sob influência de fatores linguísticos e extralinguísticos. Além disso, busca a realização real do sistema caracterizado por sua heterogeneidade inerente e, assim, objetiva uma descrição não só da configuração interna da língua mas também da sua configuração externa.

Em linhas gerais, as bases teóricas da sociolinguística almejam especificar como um estado linguístico passaria a outro, perceber se o fenômeno analisado estaria em uma variação estável ou se configuraria como um processo de mudança em curso e sistematizar os fatores linguísticos e sociais que estão envolvidos e os efeitos desse processo na estrutura linguística. O interesse desta pesquisa em utilizar tal aparato como suporte é com relação aos condicionamentos linguísticos - número de sílabas do vocábulo, classe gramatical e contexto silábico - e extralinguísticos - gênero - para a ocorrência dos fenômenos devido à transposição da fala para a escrita. Dessa

⁵ Vale comentar que há também alguns erros na estrutura com <r> em posição de coda silábica, como no dado "fazer > fazre", ocorrendo, assim, um ataque complexo.

forma, não será realizada uma investigação sobre variação linguística *stricto sensu*, visto que observamos desvios grafemáticos.

Como as cartas foram escritas quase um século atrás, uma análise sociolinguística dos dados será realizada em perspectiva histórica, pois, de acordo com Conde Silvestre (2007), a sociolinguística histórica recupera os dados linguísticos do passado a partir dos textos que sobreviveram ao acaso até os dias de hoje. Segundo esse autor, a informação sobre esses dados é fragmentária, escassa e dificilmente estabelece uma relação direta com a produção oral real de seus falantes. Em outras palavras, ao tomar como ponto de partida algo que foi escrito no passado, podem surgir algumas dificuldades com relação à análise dos dados, já que a modalidade escrita geralmente apresenta um maior monitoramento que a fala.

O autor destaca alguns dos entraves que são comuns ao analisar tais textos. Dentre eles, nesta pesquisa, serão analisados os que estão em torno dos informantes, que, resumidamente, estão relacionados à *autoria*, pois, quando lidamos com documentos antigos, não há como ter certeza se os documentos são autógrafos, porém, nas cartas do casal, há sempre as mesmas assinaturas e isso pode ser um indício de que eles mesmos escreveram-nas. Com relação à *autenticidade*, há o problema de considerar se as cartas são semelhantes ou não às formas vernaculares dos escritores já que a escrita tende a ser mais monitorada que a fala. Na amostra, o missivista demonstra certo conhecimento da norma padrão e da estrutura do gênero textual, com isso, pode ter monitorado seu texto ao escrevê-lo, distanciando-se do seu vernáculo, por outro lado, a jovem aproxima-se bastante do que poderia ser a língua falada, pois, a todo momento, transpõe para seu texto características que sinalizam interferência de regras fonológicas variáveis. Por último, no que diz respeito à *validade sócio-histórica*, esse problema surge devido à dificuldade em recuperar a posição social dos escritores, principalmente, por não terem sido pessoas ilustres. Além disso, à medida em que o estudo recua no tempo, o conceito de gênero - homem e mulher - não pode ser pautado com base nos dias atuais, pois, nessa época, segundo Biasoli-Alves (2010, p. 236), é "usual que (...) a filha seja retirada da escola e posta em casa para ajudar. Também se decide por interromper seus estudos ou trabalho para que ela se prepare ao casamento". No momento em que as cartas foram trocadas, estava começando ainda uma abertura maior para a escolarização da mulher.

Há alguns entraves relacionados às cartas como a *validade empírica*, pois, quando se lida com dados do passado, as contribuições são limitadas. Por exemplo, a amostra possui uma quantidade bastante inferior de cartas escritas pela noiva, pois foram somente essas que sobreviveram até os dias de hoje. Assim, a sociolinguística histórica pode ser entendida como "a arte de fazer o melhor uso de maus dados", ou seja, os documentos escritos que estão disponíveis são "produto[s] de uma série imprevisível de acidentes históricos", segundo Labov (1994, p. 11). Por serem de sincronias passadas, são considerados difíceis de serem controlados pelo(a) investigador(a), porém este, avaliando cuidadosamente os dados, deve retirar o máximo possível da riqueza de informações linguísticas e sociais. Assim, será verificado de que maneira esses dados, mesmo escassos, podem contribuir para a análise sociolinguística em perspectiva histórica.

2.3 - Objetivos

O objetivo deste artigo é colocar mais uma peça no jogo complexo que constitui a análise das representações ortográficas do rótico em texto escrito através de cartas trocadas por um casal. Os mais específicos são os seguintes: a) analisar, por meio dos parâmetros de natureza filológica, os desvios grafemáticos do <r> que são considerados uma transposição da língua oral à escrita, tais como o elisão, o rotacismo, a metátese, a hipercorreção e os desvios ocasionados pela falta de domínio de ortografia, como a alternância entre <r> e <rr>; b) traçar o perfil sociolinguístico dos missivistas; c) verificar os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que tenham desempenhado um papel relevante à luz da Teoria da Variação e Mudança; d) diferenciar os dois remetentes quanto ao grau de letramento e, portanto, complementar o trabalho de Silva (2012) com uma análise mais específica dos processos enunciados em "a"; e) verificar como se dava a representação grafemática do /r/ forte em contexto intervocálico também em jornais da mesma década disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira⁶.

⁶ <<http://hemerotecadigital.bn.br>>.

2.4 - Hipóteses

Os resultados de Silva (2012), por meio da análise filológica das cartas do casal, revelam que ele possui um grau de letramento superior ao dela. Dessa forma, as seguintes hipóteses que orientam esta pesquisa são: a) presume-se que a missivista tenha cometido desvios grafemáticos, como elisão, metátese e rotacismo em quantidade mais elevada que seu noivo; b) acredita-se que os fatores linguísticos que geralmente condicionam determinados fenômenos ocorrerem na fala também incidam na escrita; c) espera-se que ele possa ter cometido mais casos de hipercorreção já que tem certa noção da norma; d) acredita-se que ela tenha menos domínio da ortografia e alterne entre representação dos grafemas <r> e <rr> em contexto intervocálico.

2.5 - Etapas metodológicas

Foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: (a) realizar a leitura diretamente das cartas disponíveis na página do Laboratório de História do PB⁷; (b) selecionar e contabilizar os dados para a análise; (c) analisá-los de acordo com sua natureza filológica; (d) analisar as formas grafemáticas, <r> e <rr>, em jornais do *Diário Carioca*; e (e) traçar o perfil sociolinguístico dos missivistas, complementando os resultados encontrados por Silva (2012).

2.5.1 - As cartas

O material a ser utilizado é constituído de 97 cartas pessoais que foram trocadas pelo casal, que morava no subúrbio do Rio de Janeiro. Tais documentos foram encontrados no lixo por um aluno da Faculdade de Letras da UFRJ. Do noivo, há um total de 68 cartas e, da noiva, 29 cartas, um número bastante inferior, provavelmente, pelo pedido que ela fazia ao noivo que rasgasse suas cartas após lê-las. Eles trocavam cartas quando a noiva viajava para casa de sua irmã em Petrópolis, trocando juras de amor e marcando encontros.

Eles não eram pessoas ilustres, dessa forma, ao contrário da maioria de documentos utilizados em estudos históricos, tal material não foi encontrado em acervo público. Foi achado ao acaso no lixo do bairro de Ramos localizado nessa cidade e, com isso, informações sobre o casal e sobre seu contexto histórico-social têm sido retiradas apenas do conteúdo desses documentos. Apesar de não haver informações concretas sobre os missivistas, a carta é considerada um produto social e cultural como afirma Marcuschi (2008), assim, pode ser um reflexo da interação comunicativa dos indivíduos.

2.5.2 - Os informantes

Silva (2012) relata que foram feitas diversas tentativas em busca de informações que identificassem os missivistas do material analisado a fim de obter o perfil social de ambos. A autora buscou informações nos endereços dos remetentes, na sede administrativa de Ramos, no mesmo bairro em que as cartas foram encontradas, no registro de Imóveis, a fim de obter conhecimento da casa dos remetentes e da empresa onde o noivo trabalhou, no Arquivo da Cúria, a fim de buscar dados históricos que pudessem relevar o perfil social dos missivistas já que eram católicos. Todavia, todas as tentativas foram frustradas. Dessa forma, todas as informações a seguir foram extraídas diretamente do conteúdo das cartas. A noiva tinha uma filha e parecia ser mãe solteira, pois não menciona o pai da menina em momento algum. Ela morava com seus pais na Zona Norte da cidade e viajava com frequência à casa da irmã em Petrópolis e, por isso, trocava constantemente cartas com seu noivo. Ele trabalhava em uma empresa no Centro da cidade e morava com a família em Ramos. Seus pais pareciam não aprovar seu contato com sua pretendente, provavelmente, por ela ter tido uma filha em um provável relacionamento anterior.

Ao ler as cartas, observa-se uma diferença quanto ao grau de letramento dos missivistas. Silva (2012, p. 49) afirma que "embora se possa dizer que o missivista não dominava plenamente a norma padrão em suas cartas pela presença de alguns desvios recorrentes, notou-se que (...) ele apresentava maior contato com os modelos de escrita". Por outro lado, a noiva "apesar de apresentar mais desvios grafemáticos e uma estruturação sintática das sentenças bem simples, pode ser considerada como alfabetizada (sabia ler e escrever)" (SILVA, 2012, p. 49). Por fim, essas informações sobre o grau de letramento do casal será discutida mais a fundo na próxima seção.

⁷ <<http://www.lettras.ufrj.br/laborhistorico>>.

3. Resultados e discussão

Por intermédio da leitura das 97 cartas, todos os desvios grafemáticos enunciados na seção 1 foram encontrados. Na tabela 01, há o tipo de desvio, o número de ocorrências realizadas e o percentual em relação ao total de 57 dados.

Desvios nas cartas		
fenômeno	oco	%
Apócope	20	35
Síncope	6	10,5
Rotacismo	1	2
Metátese	5	9
Hipercorreção	3	5
Troca de <rr> por <r>	22	38,5
Total	57	100

Tabela 01. Distribuição dos desvios com a grafia <r> nas cartas.

Observa-se que há 20 dados de apócope e 6 de síncope que totalizam um percentual de 45,5% do total dos desvios. A troca de <rr> por <r> também é bastante comum, havendo 22 dados e, com isso, há um percentual de 38,5%. Já a metátese, a hipercorreção e o rotacismo ocorreram em quantidade escassa nas cartas e juntos totalizam um percentual de 16%. Todos esses desvios serão comentados a seguir com mais detalhe.

Ao separar o total de desvios apontados na tabela 01 por missivista, a fim de haver um controle do gênero e uma análise comparativa dos missivistas, há 52 dados que foram realizados pela jovem e apenas 5 por seu noivo. A seguir, a tabela apresenta tal distribuição da quantidade de dados e o percentual.

Desvios em cartas da noiva			Desvios em cartas do noivo		
fenômeno	oco	%	fenômeno	oco	%
Apócope	19	35	Apócope	1	20
Síncope	6	11	Síncope	.	.
Rotacismo	.	.	Rotacismo	1	20
Metátese	5	9	Metátese	.	.
Hipercorreção	.	.	Hipercorreção	3	60
Troca de <r> ~ <rr>	22	45	Troca de <r> ~ <rr>	.	.
Total	52	100	Total	5	100

Tabela 02. Distribuição dos desvios com a grafia <r> por missivista.

Observa-se que ela realiza desvios em um número bastante superior a seu noivo, confirmando a hipótese (a), em que se presumia que a missivista teria cometido desvios grafemáticos, como elisão, metátese e rotacismo em quantidade mais elevada que seu noivo, levantada no início deste artigo. Nos casos de apócope, ela escreve 19 palavras sem o <r> final e, por outro lado, ele deixa de escrever o grafema apenas em uma palavra. Todos os casos de síncope, de metátese e de alternância entre as grafias <r> e <rr> em contexto intervocálico, foram realizados pela missivista. Já nas cartas escritas por ele, há um único caso de rotacismo e todos os 3 casos de hipercorreção encontrados nas cartas. Vale comentar que ela efetua 11 vezes mais desvios grafemáticos que seu noivo, apesar de haver uma quantidade inferior de cartas escritas por ela, pois provavelmente foram rasgadas como ela sempre pedia no final de seus textos. Desse modo, apesar de haver apenas 29 cartas escritas por ela, a missivista efetua a grande maioria dos desvios grafemáticos apontados aqui. Por outro lado, seu noivo, apesar de apresentar boa estruturação em suas cartas e uso de textos poéticos, não dominava completamente a norma padrão, pois comete alguns desvios. Todavia, a maior parte é de hipercorreção, 60% do total de dados.

A partir de entrevistas com idosos que viveram a juventude no início do século XX, Biasoli-Alves (2000, p. 236) afirma que “...nos anos 30, 40 e 50, (...) há uma abertura maior para a escolarização da mulher”, assim, no momento em que a noiva escreve suas cartas, ainda está em início o acesso da mulher aos estudos. A autora continua o trecho reconhecendo que “[n]o entanto, as diferenças permanecem muito grandes entre as expectativas da família em relação à vida escolar e profissional de seus filhos homens e a das meninas/moças” (BIASOLI-ALVES, 2000, p. 236). Pode-se fazer uma breve comparação com as informações sobre as vidas do casal que foram obtidas através da leitura das cartas. Não há indícios de que a noiva trabalhe ou estude, ela apenas fica em casa cuidando da filha, porém ele trabalha em uma empresa no centro da cidade, assim, possui um contato social maior, além de apresentar certo conhecimento da norma e de poesia. Ao continuar com as citações, a autora finaliza o parágrafo, afirmando que “[é] usual que (...) a filha seja retirada da escola e posta em casa para ajudar. Também se decide por interromper seus estudos ou trabalho para que ela se prepare para o casamento” (*op.cit.*).

Dessa forma, é possível ter indícios sobre o contexto histórico-social no qual o casal estava inserido e, assim, tentar explicar o motivo de a quantidade de desvios grafemáticos dela ser bastante superior ao de seu noivo. A seguir, todos os desvios grafemáticos distribuídos na tabela 01 serão discutidos com mais detalhe.

3.1 - Elisão: apócope e síncope

Com relação à apócope, como foi dito, a noiva efetua grande parte dos casos desse desvio, ou seja, de 29 cartas escritas por ela, em 15, há pelo menos um caso de apócope. Por outro lado, nas 68 cartas escritas pelo noivo, há apenas um caso de apócope final do grafema em questão. Esse desvio é uma mera transposição da fala para a escrita e pode-se presumir que, se o <r> não é grafado em uma quantidade razoável na escrita dela, a jovem não o realizava com frequência na fala.

É comum, nos estudos sociolinguísticos sincrônicos, verificar o condicionamento da classe morfológica do vocábulo na supressão do /r/ final. Inúmeros trabalhos com base em corpora orais (CALLOU, 1987; CALLOU *et alii*, 1996) e escritos (MOLLICA, 2003; COSTA, 2007) confirmam a hipótese de que verbos (infinitivo impessoal) incidem no apagamento do segmento em questão, pois marcas linguísticas redundantes são simplificadas, ou seja, há o cancelamento da marca morfossintática, em que o fonema /r/ é designativo de flexão modo-temporal, restando apenas a marca prosódica, o acento (CALLOU, 1987). Como há uma quantidade razoável de dados para esse processo, será possível observar a atuação desse grupo de fatores.

Nas cartas escritas pela noiva, a apócope do <r> ocorre em grande maioria em verbos, ou seja, de 19 dados, 17 ocorrem nessa classe gramatical, enquanto em não verbos, ocorre apenas 2 vezes no vocábulo “melhor”. O quadro a seguir apresenta as palavras em que ocorre tal processo a depender da classe morfológica e o número da carta em que essas palavras com desvios foram encontradas.

Apócope do <r> em cartas da noiva		
Classe morfológica		Data da carta
verbo	não verbo	
chora		12/09/1936
sabe / encontra		14/09/1936
encontra		14/09/1936
chora		21/09/1936
	melho	26/09/1936
entrega-te		28/09/1936
que		29/09/1936
	melho	12/01/1937
encontra		19/01/1937
encontra		19/01/1937
manda-me		28/01/1937
trabalha		02/02/1937
chega		16/02/1937
rasga / rasga / rasga		21/02/1937
espera / espera		15/03/1937

Quadro 01. Apócope do <r> em verbos e não-verbos nas cartas da noiva.

Com isso, os resultados apresentados no quadro 01 constata a tendência na oralidade, já apresentada em inúmeros trabalhos, de maior possibilidade de apagamento do /r/ em verbos. Isso pode indicar que a apócope do <r> em texto escrito é uma transposição da língua falada, confirmando a hipótese (b), em que se acreditava que os fatores linguísticos que geralmente condicionam determinados fenômenos ocorrerem na fala também incidam também na escrita. Abaixo, os trechos de uma carta da jovem ilustra esse processo.

- (01) ve se você fais um facrificio para **encontra** com migo no Domingo de manha. (A noiva, Carta 12, 19/01/1937).
- (02) Eu tenho sonhado todas as noites com voce eu quando recebi as tuas cartas fiquei tan contemte que chegei a **chora**. (A noiva, Carta 21, 12/09/1936).

Além da classe morfológica, trabalhos anteriores de cunho variacionista (CALLOU, 1987; CALLOU; SERRA, 2012) apontam a menor ocorrência de apagamento do <r> final em vocábulos monossílabos devido à saliência fônica, isto é, quanto maior o número de sílabas de um vocábulo, maior a probabilidade de ocorrer o apagamento. Levando isso em conta, pode-se afirmar novamente que a apócope do <r> em texto escrito é uma transposição da língua falada, pois o quadro 02 apresenta os resultados considerando a atuação do grupo de fatores (número de sílabas) na representação do /r/ em final de palavra e comprova mais uma vez a hipótese (b).

Apócope do <r> em cartas da noiva			
Número de sílabas			Data da carta
uma	duas	três	
	chora		12/09/1936
		encontra	14/09/1936
	sabe	encontra	14/09/1936
	chora		21/09/1936
	melho		26/09/1936
		entrega-te	28/09/1936
que			29/09/1936
	melho		12/01/1937
		encontra	19/01/1937
		encontra	19/01/1937
	manda-me		28/01/1937
		trabalha	02/02/1937
	chega		16/02/1936
	rasga / rasga / rasga		21/02/1937
		espera / espera	15/03/1937

Quadro 02. Apócope do <r> a depender do número de sílabas nas cartas da noiva.

Observa-se que grande parte dos casos de elisão se dá em vocábulos de duas ou mais sílabas, e há apenas uma ocorrência de apócope em vocábulo monossílabo, como ilustra o exemplo (03) abaixo.

- (03) eu fiquei muito contente (...) foste na Quinta da Boavista com Antoninho e foste ao cinema **que** dizer que passaste um Domingo bem graças a Deus. (A noiva, Carta 5, 29/09/1936).

O único caso de apócope nas cartas do noivo ocorreu no vocábulo “qualquer” como mostra o exemplo 04 a seguir. Vale comentar que a supressão do /r/ nesse pronome é tratada com cautela pelos foneticistas, pois, na história da língua, origina-se da junção do pronome “qual” com o verbo “quer”. Uma evidência morfológica para essa etimologia se dá através do plural em que o morfema -s recai após o pronome “qual” e não no final do vocábulo, “quaisquer”. Com isso, esse item diacrônico é bastante interessante, pois ocorre um alto índice de supressão do <r> final por ser terminado em verbo.

- (04) por esses dias mandar-te-ei uns dos meus, porque o que tú tens, **qualque** dia desaparece de tú tanto beijares. (O noivo, Carta 10, 05/10/1936).

Por fim, como foi citado, Costa (2007), com dados sincrônicos, afirma que, à medida que os alunos avançam no grau de escolaridade, tende a diminuir a apócope do /r/ em coda em seus textos escritos. Com isso, a partir dos resultados apresentados na tabela 02 acerca da apócope, apesar de haver uma quantidade inferior de cartas escritas pela noiva, ela efetua uma frequência bastante superior de desvios do que seu noivo, dessa forma, aparenta possuir um grau de letramento bastante limitado. Para Marquilhas (1996, p. 235), a apócope do <r> ocorre porque o grafema é de “difícil topografia”, já que “ficava para o fim” da palavra. Assim, tal processo é característico de mãos inábeis, ou seja, pode-se afirmar que ela se aproxima bastante desse tipo de escritor já que efetua grande parte dos casos desse desvio.

Quanto à síncope, não houve dados de elisão do grafema em questão em coda medial. Vale comentar que Serra e Callou (2013), ao analisar dados de *corpora* orais gravados na década de 1970, afirmam que o apagamento do <r> final está relacionando ao tipo de fronteira prosódica. Com isso, o fenômeno ocorre preferencialmente na fronteira direita do nível da palavra prosódica. Todavia, ao analisar os dados da década de noventa, tal nível não incide mais no apagamento do segmento em alguns dialetos do Brasil, pois a sílaba, que é um nível prosódico abaixo da palavra na árvore prosódica, passa a ser o que condiciona o fenômeno, já que começa a surgir um grande número de apagamento em coda medial. Isso poderia indicar que, na época em que as cartas foram escritas pelo

casal, os casos de supressão do <r> final eram relativamente poucos e, conseqüentemente, em posição de coda medial, era nulo na fala.

Desse modo, todos os seis casos de síncope nas cartas da jovem, apontados na tabela 02, ocorrem quando o <r> está na posição de segundo elemento do ataque complexo. Marquilhas (1996, p. 146) afirma que “a ortografia irregular de formas com cadeias de consoantes que incluam /r/ constituem a característica mais recorrente das mãos inábeis” e que “o /r/ em ataque complexo gera algumas irregularidades ortográficas como a elisão”, a fim de haver o padrão universal (CCV > CV). O quadro 03 exibe tais resultados das cartas escritas pela noiva, pois, nas do jovem, como foi dito, não há casos de síncope.

Síncope do <r> em cartas da noiva		
coda medial	ataque complexo	Data da carta
	encontar	22/09/1936
	encontar	26/09/1936
	registar	11/10/1936
	fofer	12/01/1937
	sofer	19/01/1937
	compar	28/01/1937

Quadro 03. Síncope do <r> a depender do contexto silábico nas cartas da noiva.

A partir dos resultados acima, confirma-se novamente que ela se aproxima mais de indivíduos de mãos inábeis que ele. A título de ilustração, abaixo seguem dois trechos escritos pela jovem noiva na captação da benevolência da carta. Segundo Silva (2012, p. 40), essa parte da carta “[t]rata-se de um trecho repetitivo em todas as cartas do missivista e serve para captar a boa vontade do destinatário para com o conteúdo da carta que vem em seguida” e geralmente há um maior monitoramento da escrita nessa parte inicial.

- (05) Espero que esta te vá **encontar** em perfeita saude junto aus teus eu e os meus vamos bem graças a Deus. (A noiva, Carta 1, 22/09/1936).
- (06) Espero que esta te va **encontar** em perfeita saude junto aus teus eu e os meus vamos bem graças a Deus. (A noiva, Carta 3, 23/09/1936).

Nessa parte da carta, a remetente costuma repetir a mesma estratégia com poucas variações, como se fossem fórmulas fixas ou decoradas. Nas cartas escritas posteriormente, ela não comete mais tal desvio na captação da benevolência, como ilustram os dois exemplos a seguir, porém a missivista continuar a efetuar a síncope no corpo de quatro cartas escritas em momentos posteriores.

- (07) Espero que esta te vá **encontrar** em perfeita saude com osteus eu e os meus vamos bem graças a Deus. (A noiva, Carta 4, 28/09/1936).
- (08) Espero que esta te va **encontrar** em perfeita saude assim como os teus eu e os meus vamos bem graças a Deus. (A noiva, Carta 7, 05/10/1936).

Por fim, como não havia uma quantidade de dados razoável, não foi possível levar em conta o peso relativo dos fatores linguísticos observados na oralidade que poderiam ter condicionado a síncope do <r> nesses vocábulos.

3.2 - Rotacismo

Com relação ao rotacismo (l > r), foi apenas encontrado um caso desse desvio nas cartas trocadas pelo casal de noivos. O vocábulo “groria” foi escrito pelo noivo em trecho de sua carta semelhante a um poema. Vale ressaltar que, apesar de o missivista apresentar um maior grau de letramento que sua noiva, é identificado este desvio grafemático, como demonstra o trecho abaixo.

- (09) Maria encerra, assim formosa e prazenteira, À inspiração feliz dos meus sonhos de **groria**. (O noivo, Carta 39, 20/04/1937).

Apesar de o exemplo (09) ser um texto de cunho poético, provavelmente, foi escrito com um grau maior de monitoramento, ele troca o <l> por <r> no vocábulo em destaque. Segundo Dos Reis (2010, p. 33), "a permuta do primeiro [segmento] pelo segundo (...) implica, no português moderno, diferenças sociais que levam à estigmatização dos falantes". A partir dos resultados de seu trabalho com dados do projeto ALIMA, a autora conclui que os homens apresentaram maior número de realização do rotacismo quando o <r> se encontra no segundo elemento do ataque complexo. Apesar de ser difícil comparar com o resultado obtido das cartas do casal, já que há apenas uma ocorrência, o caso de rotacismo ocorreu em ataque complexo e foi realizado por um homem.

3.3 - Metátese

No que diz respeito à metátese com a grafia <r>, tal desvio foi encontrado apenas nas cartas escritas pela jovem. A missivista também efetua esse processo na captação da benevolência da carta, alternando algumas vezes ao escrever o vocábulo "perfeita" (~ perfeita). Nos dois trechos 07 e 08, acima, observa-se que a noiva não efetua a metátese do <r> nessa palavra, porém nos dois trechos 10 e 11 abaixo, ela comete o desvio.

- (10) Espero que esta te vai encontra em **prefeita** saude a sim como os teus. (A noiva, Carta 22, 14/09/1936).
- (11) Espero que esta te vai encontra em **prefeita** saude assim como os teus. (A noiva, Carta 24, 15/09/1936).

No quadro, a seguir, são apresentados todos os casos desse desvio nas cartas da jovem noiva. Observa-se que a missivista realiza a metátese progressiva, que ocorre quando o <r> se desloca à direita, ou seja, o grafema que está em posição de segundo elemento de um ataque complexo passa para a de coda silábica. Além disso, ela realiza a regressiva, que ocorre quando o <r> se desloca à esquerda, ou seja, o grafema que está em posição de coda silábica passa para a de segundo elemento de um ataque complexo.

Metátese do <r> em cartas da noiva		
progressiva	regressiva	Data da carta
	prefeita	14/09/1936
	prefeita	14/09/1936
tern		23/09/1936
par		26/09/1936
	pregunta	12/02/1937

Quadro 04. Metátese com a grafia <r> nas cartas da noiva.

Como foi dito, de acordo com Marquilhas (1996, p. 146), quando o /r/ se encontra em ataque complexo, pode ocasionar a metátese (CCV > CVC). A autora apresenta uma quantidade bastante superior de metátese progressiva em relação à regressiva em seus dados. Para ela, a estrutura silábica CVC, como nos dados retirados das cartas da jovem "tern" (trem) e "par" (para > pra), é mais natural que a estrutura CCV como em "prefeita" e "pregunta". Todavia, a noiva efetua, em uma quantidade um pouco maior, a permuta do <r> da direita para a esquerda, ocasionando o molde silábico CCV. Por fim, a autora afirma que as transcrições fonográficas de metáteses são produzidas no dialeto do indivíduo de mão inábil, com isso, confirma-se mais uma vez que ela se aproxima mais de indivíduos de mãos inábeis que seu noivo.

Outro estudo é o de Hora *et alii* (2017, p. 185), já comentado na seção 1.3. Para esses autores, "parece que o processo (...) está relacionado à escolaridade, pois sua realização ocorre preferencialmente em informantes com poucos anos de escolarização". Destarte, a partir dos resultados do quadro 03, a noiva possui menor grau de letramento que ele, confirmando a hipótese (a) em que se presumia que a missivista teria cometido mais desvios grafemáticos que seu noivo e dialogando com os resultados revisados sobre elisão.

3.4 - Hipercorreção

Quanto à hipercorreção, apenas três dados foram encontrados, porém os resultados mostraram-se interessantes. Notou-se que a noiva não efetua tal fenômeno linguístico e que ele escreve o <r> ao final de palavras onde não é previsto, como mostra o quadro abaixo, comprovando a hipótese (c).

Hipercorreção em cartas do noivo		
Lambdacismo	Acréscimo do <r>	Data da carta
	quer	25/09/1936
	dar	26/09/1836
	amar	07/10/1936

Quadro 05. Hipercorreção com a grafia <r> nas cartas do noivo.

O trecho abaixo retirado de uma das cartas nas quais ocorre o acréscimo do grafema ilustra a hipercorreção.

- (12) eu juro como nesse momento pensei que o teu irmão não sabia o **quer** que era o amor. (O noivo, Carta 04, 25/09/1936).

Esses dados podem ser interpretados de duas maneiras. Ou ele teve a intenção de acrescentar o grafema ao final das palavras por modificar seu texto escrito a fim de adequá-lo a um modelo de prestígio utilizado pelas classes dominantes, isto é, o missivista considera a falta do rótico um erro e acrescenta-o, a fim de não estar relacionado à imagem de uma pessoa que produz o apagamento do <r>. Ou ele fez uma pequena confusão inconscientemente ao acrescentar o grafema ao final e, assim, esses dados não seriam um caso de hipercorreção. Nesta pesquisa, optou-se por considerar e contabilizar esses dados como hipercorreção.

Em suas cartas, o missivista não efetua o lambdacismo ($r > l$), que seria outro caso de hipercorreção relacionado ao grafema <r>. Esses resultados podem revelar que parte dos desvios realizados pelo noivo foi ocasionada conscientemente e, por outro lado, os desvios efetuados pela noiva ocorreram de forma inconsciente, ou seja, ela transpôs desvios que comete na fala ao escrever suas cartas, além de não demonstrar tanta familiaridade com a ortografia, como será comentado nos próximos parágrafos.

3.5 - Alternância entre <r> e <rr>

Com relação à representação grafemática do /r/ nas cartas, o noivo não apresenta alternância entre <r> e <rr> em suas cartas, com isso, pode-se concluir que ele possui um certo domínio de ortografia. A noiva não demonstra domínio ao representar o /r/ forte em contexto intervocálico, comprovando a hipótese (d) em que se acreditava que ela tivesse menos domínio da ortografia e alternasse entre representação dos grafemas <r> e <rr>. A missivista alterna entre as duas formas grafemáticas, ou seja, há momentos em que ela usa <rr> como nos três dados a seguir: “serra” (A noiva, 01/10/1936), “corrido” (A noiva, 05/10/1936) e “aborrecido” (A noiva, 19/01/1937). Além disso, há momentos em que ela utiliza a forma <r> quando se deveria usar <rr>, como mostra o quadro abaixo.

As grafias <r> ~ <rr> intervocálicas em cartas da noiva		
Substituição de <r> por <rr>	Substituição de <rr> por <r>	Data da carta
	coreio / corente	12/09/1936
	corente	14/09/1936
	corente / eros	14/09/1936
	coreio / eros	23/09/1936
	coreio	26/09/1936
	a borecido	28/09/1936
	coreio	29/09/1936
	eros	01/10/1936
	orível / eros	01/10/1936
	eros	05/10/1936
	burinha / eros	07/10/1936
	coreio	11/10/1936
	coreio	11/10/1936
	aranjar	12/01/1937
	burice	02/02/1937
	eros	14/02/1937
	eros	22/02/1937

Quadro 06. Alternância entre <r> e <rr> em contexto intervocálico nas cartas da noiva.

Nota-se que ela troca a forma grafemática <rr> por <r> 22 vezes, porém não há casos de troca do <r> por <rr>. Com isso, a missivista demonstra que tem certo domínio em representar grafematicamente apenas o /r/ fraco neste, pois não há nenhum desvio. Todavia, não tem familiaridade com as convenções da escrita para representar o /r/ forte entre vogais, pois, dos 25 casos de /r/ forte em suas cartas, a grande maioria é o uso de <r> quando seria esperado <rr>, ou seja, há 22 desvios e 3 acertos.

Assim, a ausência de casos de alternância entre <r> e <rr> nas cartas do noivo mostra que ele possui maior conhecimento de ortografia no que se refere ao grafema em questão. Por outro lado, ela, na maioria das vezes, substitui a grafia <rr> por <r> em contexto intervocálico em suas cartas. Ao analisar tais resultados, houve a dúvida se, naquela época, já havia uma estabilidade ortográfica, então, esses resultados foram comparados com textos publicados no mesmo período, jornais. Da época em que as cartas foram trocadas pelo casal até os dias de hoje, houve vários acordos ortográficos na língua portuguesa. De acordo com Faraco (2006, p. 19), "quanto à ortografia do Português, esta só vai encontrar relativa estabilidade no correr do século XX, quando a questão ortográfica se torna um assunto de Estado e se criam leis fixando a ortografia oficial". Com isso, a fim de obter uma possível referência ortográfica do /r/ em contexto intervocálico na década de trinta, foram consultados textos do *Diário Carioca* escritos entre 1930 e 1939. Jornais foram escolhidos, pois são textos em que ocorre um elevado grau de monitoramento linguístico além de terem sido amplamente difundidos na época e hoje são de fácil acesso.

Na página da *Hemeroteca Digital Brasileira*, é possível acessar periódicos da imprensa escritos em diferentes momentos e lugares do Brasil. O *Diário Carioca* foi selecionado para fazer tal comparação porque marcou fortemente a história da imprensa no Brasil durante a década de 1930, mesmo período em que as cartas foram trocadas pelo casal de noivos, e foi escrito na cidade do Rio de Janeiro, mesmo local onde as cartas foram trocadas.

A consulta de textos nessa página pode ser realizada por título, período, edição, local de publicação e palavra(s). Para esta pesquisa, o título e o período já foram escolhidos, e a busca foi realizada por palavras. Assim, as palavras que possuem /r/ forte em contexto intervocálico nas cartas do casal foram pesquisadas a fim de comparar a representação grafemática e desvendar se o desvio pode ser uma consequência do baixo grau de letramento, já que apenas ela troca <rr> por <r> ou se não havia ainda um padrão para representar tal som no contexto entre vogais.

As palavras "correio", "aborrecido" e "erros" aparecem com certa frequência nas cartas. Com isso, foram pesquisadas nos textos escritos entre 1930 e 1939 e alguns trechos foram recortados do *Diário Carioca* a título de ilustração.

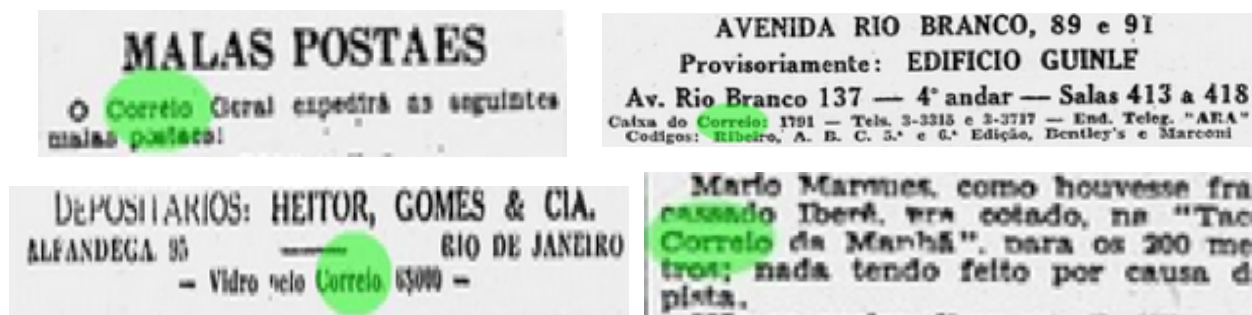


Imagem 01. Recortes com destaque na palavra “correio” de jornais do *Diário Carioca*.

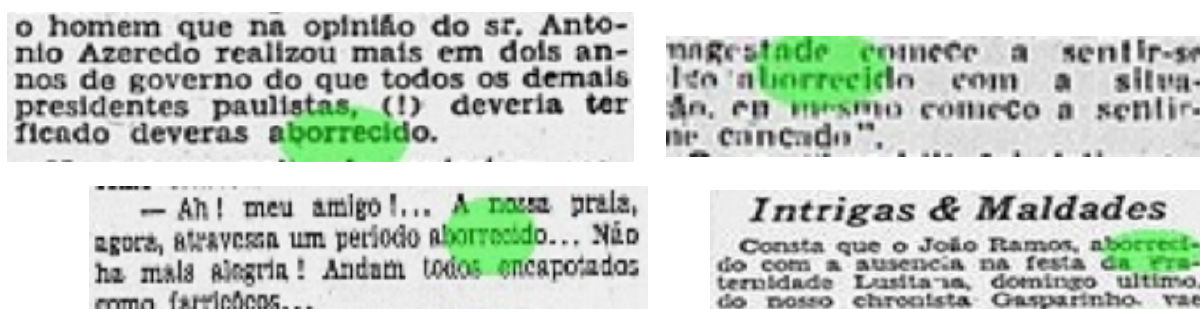


Imagem 02. Recortes com destaque na palavra “abhorrecido” de jornais do *Diário Carioca*.

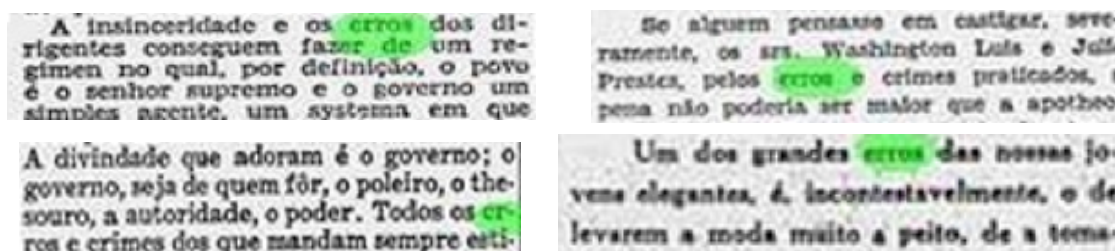


Imagem 03. Recortes com destaque na palavra “erros” de jornais do *Diário Carioca*.

Embora haja algumas diferenças ortográficas nos trechos de jornais acima, como em “thesouro”, “regimen” e “vae”, e ausência de acento gráfico em algumas palavras, como em “alfandega”, “ha” e “ultimo”, a representação grafemática do /r/ forte em contexto intervocálico parece ser a mesma de atualmente, além de ter a mesma regra de separação de sílabas como em “er-ros” (Imagem 03). Ao analisar sistematicamente os outros contextos em que o /r/ ocorre, a sua representação grafemática também parece ser a mesma dos textos atuais. Com isso, os resultados encontrados nesses e em outros trechos do *Diário Carioca* não confirmam a hipótese (e), e a alternância entre <r> e <rr> realizada pela noiva pode ser uma consequência do baixo grau de letramento que apresentava.

Após resultados dessa breve análise acerca dos desvios grafemáticos nas cartas com a grafia <r>, é possível chegar a algumas conclusões sobre o perfil sociolinguístico dos missivistas. Ela transpõe com mais frequência as marcas de oralidade para a sua escrita do que seu noivo e possui conhecimento limitado quanto à representação do /r/ forte em contexto intervocálico na escrita, já que, na maioria das vezes, substitui <rr> por <r>. Ele tinha consciência do seu peso na escrita formal da época, cometendo até hipercorreção, transpõe com baixíssima frequência as marcas de oralidade para a sua escrita e tinha certo domínio de modelos de escrita. Assim, pode-se afirmar que essas cartas são uma importante fonte para o estudo do PB escrito e, então, intuir a língua falada na década de 1930.

Considerações finais

A partir da análise de cunho filológico, a transposição (ou não) de traços da oralidade para a escrita e o domínio (ou não) das convenções da escrita podem intuir o grau de letramento dos missivistas. Os resultados confirmaram a maioria das hipóteses levantadas no início, além de terem sido bastante similares aos obtidos por Silva (2012).

No que diz respeito aos objetivos mais específicos, acredita-se ter alcançado o que se pretendia. Ambos os missivistas apresentam problemas decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis transpostas para a escrita e, assim, efetuam desvios grafemáticos em seus textos. Porém, ao compará-los, percebe-se que a frequência dos desvios é maior nas cartas dela, mesmo que haja um número bastante superior de cartas escritas por seu noivo. Aliás, a missivista tem certa consciência de que não possui domínio da escrita, pois pede com certa regularidade: “não repares a minha carta nei os meu eros” (A noiva, Carta 8, 06/10/1936). Com isso, não há como saber ao certo o grau de letramento deles, ou seja, até que nível de instrução da Educação Básica eles cursaram na escola, se realmente frequentaram-na e se concluíram.

Espera-se que este artigo tenha aprofundado o trabalho realizado por Silva (2012) no que se refere ao <r>, confirmando a diferença entre os missivistas com relação às suas habilidades com a modalidade escrita e que tenha contribuído para o conhecimento da língua portuguesa do início deste século, colocando mais uma peça nesse quebra-cabeça.

Referências bibliográficas

- ALI, Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 5ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965.
- BIASOLI-ALVES, Zélia Maria. Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 16, n° 3, p. 233-239, 2000.
- CALLOU, Dinah. *Varição e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: PROED, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.
- _____; LEITE, Yonne; MORAES, João. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. (Ed.). *Gramática do Português Falado*. v. VI, Campinas: UNICAMP, 1996. p. 465-493.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- _____. *Manual de expressão oral e escrita*. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.
- COSTA, Luciane Trennephol. Análise variacionista do rotacismo. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 5, n° 9, 2007.
- FARACO, Carlos Alberto. Ensinar x Não ensinar gramática: ainda cabe essa questão?. *Caleidoscópio*, v. 4, n° 1, p. 15-26, 2006.
- FARIAS, Aline; OLIVEIRA, Ingrid. O apagamento do rótico no Português Brasileiro e no Português Europeu: o lido e o dito. *Anais do Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala*, v. 2, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_coloquio/article/view/6158>. Acesso em: 16 jan. 2016.
- HORA, Dermeval da; TELLES, Stella; MONARETTO, Valéria. Português brasileiro: uma língua de metátese? *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n° 2, p. 178-196, 2007.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Internal factors. Cambridge, Blackwell, 1994.
- DOS REIS, Gizelly. Cravícula e Carcanhá: a incidência do rotacismo no falar maranhense. *Littera Online*, v. 1, p. 33-40, 2010.
- MARQUILHAS, Rita. *Leitura e Escrita em Portugal no Século XVII*. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1996.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: o que são e como se classificam?* Recife: UFPE, 2008.
- MOLLICA, Maria. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. RJ: Letras, 2003.
- MORENO, Cláudio. *O prazer das palavras*. Porto Alegre: Zero Hora, 2004.
- OLIVEIRA, Klebson. Rotacismos e outras rotas: fenômenos com as consoantes líquidas em textos do Brasil oitocentista. *Estudos linguísticos e literários*. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, n° 37-38, p. 227-270, 2008.

SERRA, Carolina; CALLOU, Dinah. A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades. *Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Coimbra, APL, p. 585-594, 2013.

SCHERRE, Maria. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SILVA, Érica Nascimento. *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não ilustre*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. [Tradução: Marcos Bagno]. São Paulo Parábola Editoria, 2006.